

Via Digital Motors

Lucia Camargo Nunes (*)

Mercado tem vendas crescentes

Em julho, os emplacamentos de veículos leves tiveram crescimento de 13,7% em relação a junho e 1,18% diante de julho de 2024. Nos sete meses do ano, os veículos leves tiveram evolução de 4,37% em comparação ao mesmo período de 2024.

O Polo superou a Strada por uma diferença de apenas 45 unidades, mas na soma do ano a picape da Fiat continua liderando as vendas.

Os emplacamentos consolidados indicam que carros mais caros estão em bom ritmo de vendas.

Top 10 dos mais vendidos de janeiro a julho de 2025	
Modelo	Unidades
1º Fiat Strada	75.592
2º Volkswagen Polo	70.155
3º Fiat Argo	54.432
4º Volkswagen T-Cross	53.551
5º Hyundai HB20	42.392
6º Chevrolet Onix	42.078
7º Fiat Mobi	41.329
8º Hyundai Creta	39.032
9º Toyota Corolla Cross	36.955
10º Honda HR-V	36.086

Fonte: Fenabrave

Nem com isenção de IPI modelos 'decolam'

O incentivo do governo, com a isenção de IPI para 25 versões 1.0 do programa Carro Sustentável iniciado em julho, impactou nas vendas, embora modelos mais baratos, como o Renault Kwid e o Hyundai HB20 tenham apresentado retração de emplacamentos.

A performance do Chevrolet Onix foi ambígua, pois coincidiu com sua renovação de linha, dificultando determinar a influência do programa ou da novidade. A Fiat destacou-se ao registrar alta em seus modelos participantes, assim como a Volkswagen, que também apresentou crescimento, embora menor.

Em um cenário de juros elevados e crédito restrito, veículos de entrada, normalmente destinados a consumi-

dores com menor poder aquisitivo, tiveram desempenho relativamente melhor, mérito de Fiat e Volkswagen. O programa deve seguir até dezembro de 2026, proporcionando maior tranquilidade para os consumidores planejarem suas aquisições.

Fiat Argo teve crescimento de 37,7%, Fiat Mobi (27,6%), Chevrolet Onix (13,4%), Volkswagen Polo (12,6%). Já Hyundai HB20 recuou -20,2% e o Renault Kwid, -30%.



Renault Kwid Outsider.

Rampage 2026 reduz drasticamente preços

A linha 2026 da Ram Rampage traz novidades, incluindo mudanças na formação do portfólio e uma redução significativa de preços. As versões Rebel e Laramie agora têm o pacote Night Edition, com lanternas traseiras escurecidas, enquanto a R/T recebeu uma nova calibração de suspensão para melhorar o conforto sem perder a pegada esportiva, além de pneus Pirelli com tecnologia Seal Inside que permite continuar em movimento após perfurações de até 5 mm. A versão de entrada Big Horn passou a incluir sensores de estacionamento dianteiros.

Os motores permanecem iguais, com opções diesel 2.2 de 200 cv e gasolina 2.0 Hurricane 272 cv, ambos com câmbio automático de nove marchas e tração 4x4 automática com modos de marcha e assistente de descida.

Pela nova estratégia, as versões Laramie e Rebel com motor Hurricane foram descontinuadas, e os preços foram drasticamente reduzidos, visando ampliar as vendas, que vêm crescendo, aproximando-se da Chevrolet S10. Os preços sugeridos variam de R\$ 226.990 a R\$ 269.690, com reduções de até R\$ 30 mil em relação aos sugeridos em maio passado.



Rampage Big Horn 2026.

Compass fica mais barato para a linha 2026

Baixar os preços para modelos 2026, mesmo com melhorias para os carros tem sido uma estratégia ousada para o grupo Stellantis.

A linha 2026 do Jeep Compass passou por mudanças com foco em descontos de até R\$ 20 mil, além da retirada de linha das versões Limited e Overland, sem alterar o visual ou motores, apenas ajustando preços e pacotes de equipamentos.

A versão de entrada Sport teve redução de R\$ 20 mil, passando a custar R\$ 169.990, enquanto a Longitude, com preço reduzido em R\$ 19 mil, agora sai por R\$ 192.990.

A Série S T270, com redução de R\$ 15 mil, passou a custar R\$ 236.990, incorporando novos itens de conforto e segurança, como ajuste elétrico dos bancos e teto solar panorâmico. A versão topo Blackhawk ficou R\$ 16.500 mais acessível, por R\$ 279.990, com melhorias como rodas esportivas, freios vermelhos e seletor de terrenos, além do motor Hurricane de 272 cv. 7.



Jeep Compass 2026.

(*) - É economista e jornalista especializada no setor automotivo, editora do portal www.viadigital.com.br e do canal @viadigitalmotors no YouTube. E-mail: lucia@viadigital.com.br

Cinco momentos em que o RH vira problema do departamento de TI

Apesar de parecerem distantes, as duas áreas podem se complementar de acordo com a estratégia da empresa, diz especialista

A transformação digital do ambiente de trabalho tem colocado o RH em uma posição estratégica dentro das empresas, mas também apresenta desafios a partir da quantidade cada vez maior de dados, plataformas, automações e integrações sistêmicas. Segundo uma pesquisa da Aconso, publicada no ano passado pela revista HRM America, 53% das lideranças na área afirmam que soluções ineficientes e fragmentadas aumentam a carga de trabalho, e 64% dizem que ferramentas genéricas não atendem demandas mais específicas.

“Ter uma ferramenta que organize as informações, centralize a comunicação e facilite o acesso a outras soluções já existentes pode ser um grande ganho”

Esse desalinhamento também tem gerado uma sobreposição de responsabilidades que pode sobrecarregar áreas técnicas, especialmente o time de TI. É o que afirma Andréa Migliori, CEO da Workhub, ecossistema de experiência do trabalho. “O que vemos hoje são muitos pedidos vindos do RH que, sem o suporte correto ou sem uma visão integrada, acabam se tornando dores de cabeça para o time de tecnologia. E o contrário também acontece, quando decisões técnicas não consideram as necessidades do RH e acabam criando fricção nos fluxos de trabalho”.

Para lidar com o conflito, é preciso identificar os desafios e garantir a coparticipação entre as áreas. Migliori lista algumas situações comuns para auxiliar as organizações a reconhecer o problema.

1. Sobrecarga de suporte

Diversos processos são criados e alterados pelo RH



em diferentes contextos, seja na contratação de novas pessoas ou em demandas do dia a dia do time. Quando algo é modificado sem uma consulta prévia ao TI, é possível que erros ocorram, e a necessidade de suporte fica, também, com o TI.

“Na hora de mudar um formulário, criar um novo canal ou ajustar um fluxo de onboarding, não é difícil surgirem falhas, já que o pessoal do RH não conhece as especificidades técnicas de cada ferramenta. Às vezes, um erro só é percebido quando o TI recebe tickets

de suporte em massa, especialmente no caso de grandes empresas”, aponta Andréa.

2. Sistemas desintegrados

Atuar com vários programas diferentes pode atrapalhar qualquer departamento. Quando o RH mistura o uso de sistemas, planilhas e outras ferramentas, torna-se difícil encontrar os dados certos na hora certa.

A tarefa de organização pode ser realizada pelo próprio RH mas, às vezes, é preciso ajuda para lidar

com softwares de forma mais aprofundada. “O TI vem ‘salvar o dia’, por assim dizer”, comenta a CEO.

3. Falhas na adoção de novas ferramentas

Se não houver mudança de governança ou mesmo mentalidade para incluir novas ferramentas no cotidiano da organização, o RH pode acabar ativando o TI para suporte sem necessidade.

“A introdução de novas tecnologias pode resolver diversas questões do RH, mas exige preparo e engajamento da equipe”, diz Andréa. “Treinamentos, comunicação clara e uma boa estratégia de adoção são essenciais para evitar retrabalho e garantir que os recursos sejam bem aproveitados.”

4. Gestão de acessos mal estruturada

Sem processos bem definidos, muitas pessoas podem receber acessos indevidos a manuais, pastas, plataformas e sistemas — o

que demanda do TI uma série de intervenções.

“Quando alguém muda de cargo ou sai da empresa, por exemplo, esses acessos nem sempre são atualizados ou revogados a tempo, o que gera riscos à segurança da informação”, complementa Migliori.

5. Exigência de infraestrutura

Quando não há sistemas já integrados e prontos para abarcar diversos projetos, pode ser preciso “improvisar”. O problema é que o RH talvez não perceba que certas movimentações, como campanhas internas, vídeos e eventos digitais, precisam de planejamento e infraestrutura técnica.

“Ter uma ferramenta que organize as informações, centralize a comunicação e facilite o acesso a outras soluções já existentes pode ser um grande ganho”, comenta Andréa. “Assim, evitamos duplicidade de esforços e otimizamos a atuação de ambos os departamentos”, conclui.